

ÉPICA E MODERNIDADE EM *YACALA*, DE ALBERTO CUNHA MELO

Erica Roberta DOURADO
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
ericadourado_ms@yahoo.com.br

Resumo: O estudo sobre o poema longo ou poema narrativo, no Brasil, está ainda em seu princípio, visto que desapareceram do universo literário nacional os traços da literatura épica clássica e que, portanto, não existem autores modernos e contemporâneos a produzir e publicar o chamado poema longo. Assim, a realização de um estudo sobre um poema narrativo de autor contemporâneo trará informações, questionamentos e outras reflexões relevantes para compreensão do processo de formação/elaboração da tradição literária e cultural brasileira. A obra de Alberto Cunha Melo, exemplifica a renovação da poesia brasileira, em que a relação/problematização entre o clássico e o moderno configuram-se como elementos essenciais. O poema **Yacala**, nesse sentido, poderá servir de modelo para o conjunto da obra de seu autor. Assim, objetiva-se mostrar o trabalho que será desenvolvido ao longo da escrita da dissertação de mestrado, que buscará compreender as peculiaridades formais e temáticas desta composição como poema narrativo; observando a configuração das interrelações épicas e líricas, enquanto gêneros literários no contexto contemporâneo, marcado pela ruptura de fronteiras conceituais, como elementos estruturais e temáticos para a realização do poema **Yacala** e, ampliar o conhecimento sobre a realização artístico-literária de seu autor, que se restringe, ainda, ao círculo cultural nordestino.

Palavras-chave: literatura épica clássica; poema longo moderno; poema narrativo.

1. Introdução

O poema narrativo caracteriza-se como a manifestação literária em que se realiza a narração, com alguns traços dramáticos, de fatos ou de ações de alcance universal, regional ou local dada a presença ou ausência de grandiosidade e de característica cômica ou séria. Esses poemas também são identificados como balada, poema heróico ou poema herói-cômico.

A pesquisa sobre o poema longo ou poema narrativo é ainda bastante incipiente, consequência de uma tendência da crítica contemporânea que, erroneamente, leva o estudioso interessado a acreditar que desapareceram completamente do universo literário nacional os traços da literatura épica clássica e que, portanto, não existem autores modernos e contemporâneos a produzir e publicar o chamado poema longo. De tal forma, ainda existe total desconhecimento sobre autores e obras de relevante contribuição para o sistema literário nacional, desde, pelo menos, o surgimento do romantismo aos dias atuais. Nesses textos, observa-se que o épico não deixou de existir, apenas ganhou novas formas.

Poucos são os estudos voltados para o poema narrativo contemporâneo, no entanto, alguns autores produzem obras bastante significativas sem alcançar a notoriedade precisa para que seus poemas sejam contemplados em âmbito nacional. Assim, “a pós-modernidade, se propõe a uma reavaliação crítica de nossa tradição épica, com resgate de obras do passado e inclusão, no percurso épico, de obras produzidas nos séculos XX e XXI”, segundo afirma SILVA (2007).

Diante de tal quadro lacunar, os resultados de um estudo sobre um poema narrativo de autor contemporâneo deverão trazer um aporte significativo de informações, questionamentos e outros desdobramentos relevantes para compreensão do processo de formação/elaboração da tradição literária e cultural brasileiro.

A obra de Alberto da Cunha Melo, por sua vez, é portadora de profundos traços renovadores no âmbito da poesia brasileira, em que a relação/problematização entre o clássico e o moderno configuram-se como elementos essenciais e o poema **Yacala** poderá servir de realização modelar de profícua corrente criativa do conjunto da obra de seu autor.

De acordo com Lucena, “em **Yacala**, um elemento da épica clássica, talvez o mais importante, é suprimido: o herói como um homem extraordinário, sobretudo por seus feitos guerreiros.” A caracterização de **Yacala**, segundo a autora, evidencia as novas características do poema narrativo na contemporaneidade. De acordo com o exposto, Sales reflete que:

Embora tais eventos não retirem dos poemas contemporâneos o tom épico, poderão implicar importantes questionamentos sobre as categorias de herói e, especialmente, a de narrador, com consequências a respeito do próprio gênero, na recepção e atribuição de sentidos dessas obras. (SALES, 2011, p. 124).

Neste sentido, busca-se compreender, por meio desse projeto de mestrado, as peculiaridades formais e temáticas desta composição como poema narrativo, detectando suas ramificações formais e temáticas presentes nas obras contemporâneas, capazes de delimitar as vertentes do poema narrativo moderno e, ademais, ampliar o conhecimento sobre a realização artístico-literária de seu autor, ainda muito restrito ao círculo cultural nordestino.

3. Poema narrativo longo: algumas considerações

Na historiografia literária nacional, sem ignorar as obras dos poetas fundadores da tradição literária ocidental, como Homero, Virgílio e Camões, o poema narrativo destaca-se pela sua vertente paródica ou crítica também muito presente no meio jornalístico, como registro e análise de fatos ou personagens da vida nacional, por meio do poema heróico e do poema herói cômico. Assim, dois poemas herói-cômicos - O desertor (1771), de Manuel da Silva Alvarenga (1749-1814), e O Reino da Estupidez

(1774)¹, de Francisco Melo Franco (1757-1823) e outras duas obras, no gênero poema heróico, *Uraguai* (1769) de Basílio da Gama (1741-1795) e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão (1722-1784), além de constituírem o ciclo mais característico de pombalismo literário, podem ser consideradas como manifestação jornalística, uma vez que representam ecos de ideias modernas no contexto dos árcades mineiros que vigorariam no Brasil até a proclamação da Independência.²

A publicação dos poemas narrativos de Basílio da Gama, de Silva Alvarenga, de Francisco de Melo Franco e de Santa Rita Durão se dá num momento de influência do classicismo francês e do arcadismo italiano, considerados correntes ilustradas de então. Como resultado dessas influências, houve no Brasil uma espécie de pequena *Época das Luzes* que, historicamente, ligou-se ao governo do Marquês de Pombal. O que, por si só, encerra uma relação antitética, ou didática, pois a razão iluminista e sua defesa da liberdade do homem eram postas à prova pelo exercício colonial de um regime absolutista.

Ademais, as condições de produção e de recepção destes poemas estão marcadas pelas influências desses dois movimentos europeus (tendências ilustradas) que propiciaram um comportamento bem diferente das orientações barrocas, em que a transfiguração da paisagem e do homem pautava a atividade intelectual na colônia. Naquele momento, estava em vigor um “nativismo” voltado para a investigação sistemática da sua realidade e para os problemas de transformação de seu estatuto político, por exemplo.

É nesta época que, segundo Candido (CANDIDO, 1980, p. 89-107), a vida intelectual da colônia expressa confiança na razão como instrumento de ordenação do mundo e, especialmente influenciada pelo Arcadismo, estimulou:

“1) o culto da natureza que favoreceu a busca da naturalidade da expressão e sinceridade de emoção; 2) o desejo de investigar o mundo, conhecer a lei da sua ordem que a razão apreendia; 3) finalmente, a aspiração à verdade, como descoberta intelectual, com fidelidade consciente ao natural, como sentimento de justiça na sociedade.” (Candido, 1980, p. 96-97).

¹ Esta obra, poema herói-cômico, inicialmente, circulou em cópias manuscritas e depois se imprimiram quatro edições rapidamente esgotadas. Trata-se sobretudo de tremendo ataque contra o reitor e os lentes da universidade e conservou-se rigorosamente anônima durante muitos anos. Mais tarde foi reconhecida a autoria de Francisco de Mello Franco. Cf. J. C. FERNANDES PINHEIRO - Curso elementar de literatura nacional, pág. 383 e VASCONCELLOS DE DRUMMOND (Antônio de Menezes) Anotações à sua biographia publicada em 1836 na *Biographie Universelle et Portative des Contemporains* (Rio de Janeiro, 1890, págs. 112 e seguintes).

² CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. 5. ed., vol. 1, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p.

Mas os quatro poetas não atuaram nas mesmas trilhas políticas. Basílio, Alvarenga e Melo Franco são vistos como progressistas e declaradamente pombalinos, enquanto que Durão fez oposição ideológica ao Marquês e se manteve fiel ao Quinhentismo e a Camões.

No Brasil, muito pouco se tem pesquisado sobre o poema narrativo e tem ignorado o trabalho de inúmeros autores e obras de relevante contribuição para o sistema literário nacional. Igualmente esquecendo-se do processo de formação da tradição cultural.

O campo de pesquisa voltada para a constituição, transformações e realizações do poema narrativo é muito amplo por não se limitar apenas ao campo estritamente estético, mas sobretudo o histórico e jornalístico. Ou, ainda, as produções que transitariam de uma “área” a outra. Deste modo, os resultados podem contribuir para o conhecimento sistemático, orgânico e articulado de um relevante aspecto da historiografia literária e cultural do país, mesmo que não se pretendam ser exaustivos e nem abarcar todo o conjunto de poemas narrativos.

Em nossos estudos anteriores, constatamos que a “posição” do narrador no poema narrativo brasileiro foi um fator determinante para a leitura renovadora de quase todas as transformações ocorridas neste gênero poético. Desde sua filiação clássica, passando pelo arcadismo de inspiração italiana, até o movimento burguês, o Iluminismo e a independência nacional.

Verificamos que o narrador do poema narrativo clássico está submetido ao preceito de representar valores, ações e paixões previamente codificados por uma hierarquia há muito estabelecida. De tal modo que não há espaço, nesta voz, para a dubiedade ou para avaliações ou juízos críticos ou judicativos, embora não se pode ignorar que “os enunciados épicos são pseudo-referenciais e não representam estados de coisas empíricas ou coisas de fato” (TEIXEIRA, 2008, p. 18).

O narrador dos poemas de Alberto Cunha Melo, por sua vez, guarda pouquíssimas semelhanças com o narrador épico clássico, como notamos pelas ausências das partes de quantidade, proposição, invocação; e as de qualidade, costumes e pensamentos. Evidentemente que a ausência destes elementos deve-se, entre outras causas, pelas transformações sociais e culturais ocorridas nos últimos dois séculos e meio, determinadas pelo advento do Iluminismo e tudo o mais que surgiu de seu bojo. Já não há mais condições para a voga daquele regime retórico rígido e o poeta não se vê e nem se limita a arauto do passado e das tradições. Neste mundo em construção, o poeta (o narrador) procurar firmar-se como portador de pensamento original, próprio e independente, embora infeliz diante das transformações em curso impostas pelo regime político e econômico orientado pelo mercado e pela imposição da mais valia.

Neste sentido, se o maior afastamento cronológico entre o narrador e os eventos narrados no poema narrativo clássico representa atitude de observação e de aceitação daquele mundo já elaborado, com leis estáveis e sem possibilidades de questionamento, o menor distanciamento temporal entre o narrador e os eventos narrados no poema narrativo de Alberto Cunha Melo podem representar o desejo (e a possibilidade) de participação e de elaboração de novos paradigmas num mundo ainda em construção e, de modo muito particular, pode ser a metáfora dos acontecimentos sociais, políticos e estéticos.

4. Alberto Cunha Melo: fases de um poeta

Alberto da Cunha Melo, nascido em 1942 e falecido em 2007, é um poeta pouco conhecido e pouco lido pelo público leitor de poesia fora do Recife. O autor fez parte da chamada geração de 65, daquela capital, que inclui nomes como Ângelo Monteiro e Marcus Accioly. Neto e filho de poetas foi jornalista e sociólogo. Ao longo de quarenta anos de vida literária, Alberto Cunha Melo produziu doze títulos de poesia e participou de vinte e três antologias, duas delas internacionais. O primeiro livro do autor, **Círculo Cósmico**, foi publicado em 1966. A última obra lançada pelo poeta foi **O cão de olhos amarelos e outros poemas inéditos** (2006).

A forma representa uma das maiores preocupações do poeta: vocábulo preciso, combinações sonoras, ritmo que constrói a ideia. Além de demonstrar um vínculo com a tradição clássica, notamos uma preocupação em harmonizar conteúdo e forma, numa linguagem compacta, sem excessos.

Em sua tese de dissertação, **Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma leitura estilística** (2007), Isabel de Andrade Moliterno ressalta que:

“A temática social é marcante, assim como uma tendência às reflexões de cunho metafísico, a indagações sobre a existência humana – vida e morte – e seu papel em uma ordem maior. O homem está sempre no centro das atenções. Mas existe uma busca constante de integração com a natureza, sempre presente em imagens de água (mar, rio, chuva), terra (lama, pedra, areia, vegetação), céu, fogo, animais.” (MOLITERNO, 2007, p.42)

De acordo com o exposto, refletir sobre a existência humana é um dos pontos principais da poesia de Alberto Cunha Melo e, embora o homem seja o foco de sua preocupação, busca-se uma integração com os elementos naturais. Ainda sobre a construção de seus poemas, Moliterno reitera que o “Cosmo” é a casa do homem, local de abrigo e aflição:

“O Cosmos é tido como a grande casa do homem, que ora acolhe e ora parece repelir; no geral, representa o principal objeto de desejo de sua poesia, que se lança à procura de harmonia e equilíbrio. É interessante notar que, embora haja variações, o sol é geralmente representado como uma força opositora, que castiga, enquanto as chuvas surgem com conotação positiva, de graça e renovação. Provavelmente isso ocorre porque o nordeste brasileiro serve de cenário para muito de seus poemas.” (MOLITERNO, 2007, p.42)

Embora em seus textos o cenário nordestino apareça de modo explícito, na maioria não há demarcação do espaço e do tempo:

“Mesmo quando o homem é um personagem específico, com nome e tudo, pode habitar qualquer lugar – o contexto urbano prevalece -, o que contribui para a identificação do leitor com o texto. Também é raríssima a menção a datas precisas, enquanto é mais comum a referência a épocas do ano como meses, o que ressalta a ideia do tempo cíclico. Mas se destaca a o contexto de pobreza, desigualdade, luta pela sobrevivência, universo tão tipicamente brasileiro.” (MOLITERNO, 2007, p.42)

Notamos que temas como a alienação do trabalho, o poder, o consumo, o dinheiro e a religião são obstáculo para que o homem desfrute da felicidade plena. Diante disso, podemos afirmar que a poesia de Alberto Cunha Melo ocorre frente a questionamentos da ética ou das éticas que regem as ações do homem.

A obra do autor divide-se em três fases, segundo ele próprio, marcadas, cada qual, por uma forma específica: fase de octossílabos brancos; de versos livres; e de octossílabos rimados. Segundo Érico Nogueira, nota-se que Cunha Melo valeu-se do octossílabo de maneira ostensiva. Em todas as três fases há livros memoráveis, destacando, respectivamente, *Oração pelo Poema* (1969), *Poemas a Mão Livre* (1979) e o irrepetível *Yacala* (1999).

Na primeira fase, de octossílabos brancos, percebe-se o período mais subjetivista do autor, com poemas em primeira pessoa. Nesse período, os poemas são escritos em metro octossilábico, a maioria, com cinco quartetos sem rimas. Na segunda fase, de versos livres, predominam os poemas de estrofe única. Nessa fase, é comum a linguagem falada no cotidiano. A fase da retranca, ou terceira fase, acentua-se a reflexão filosófica, predominando o eu lírico em terceira pessoa, “o que ressalta o caráter reflexivo dos poemas, na medida em que o envolvimento emocional se torna menos explícito.” (MOLITERNO, 2007, p.78).

Essa simbiose entre o homem e os elementos da natureza aparecerá em todas as fases do autor, revelando, assim, as faces de Alberto Cunha Melo, que em seus poemas tratava das reflexões que guiam o ser humano, na busca de compreender a si e ao outro. Nesse sentido, na orelha do livro **O cão de olhos amarelos**, de Alberto Cunha Melo, e na revista **Continente Multicultural**, Alfredo Bosi destaca o trabalho poético do autor em estudo e o compara com renomados poetas da nossa tradição literária:

“[...] esse trabalho formal entre mágico e cognitivo não foi construído para si próprio, não é um mecanismo autodecorativo, puro desfrute da linguagem pela linguagem. Ao contrário, volta-se para um núcleo rico de dimensões existenciais. [...]E reconheço veios de uma forte tradição nordestina de poetas da agonia e dos extremos. Aqui ressoam a voz dramática de Augusto dos Anjos, a voz faca-só-lâmina de João Cabral, as vozes lancinantes de Nauro Machado, as muitas e vertiginosas vozes de Ferreira Gullar. (BOSI, 2006)

Ao comparar Alberto Cunha Melo com outros poetas, intenciona-se mostrar como o autor produziu obras cujo valor estético deve ser analisado devido ao rigor com que trata seus poemas. Ademais, na entrevista **Uma estranha beleza** que o autor concedeu a quinze intelectuais brasileiros, respondendo a vinte e cinco perguntas, ao ser questionado por Alcir Pécora sobre “a pertinência da referência a Cabral em sua poesia” responde que:

“A cadência ideal para aquele sussurro, em meu idioma, era mesmo o octossílabo, que Cabral — muito depois li — considerava o mais próximo da prosa. Ora, pouco me lixava para a autonomia, a diferença específica da poesia em relação a outras artes verbais, o que me interessava era dizer, dizer baixo, mais dizer bem. Como tenho a alma de um neoclássico, não escondo, apregão e até me orgulho da influência cabralina. No entanto, influência não é pasticho, o pasticho cabralino que se fez e se faz por toda parte, desde a segunda metade do século passado. O que me aproxima de Cabral é a tentativa de alcançar a imagem precisa, de me curar contra a metáfora gratuita por mais original que seja (ser original é apenas um dever de ofício de poeta moderno). E mais: aproximo-me dele por lutar contra o estereotipadamente “poético” por buscar, como ele, a lógica unitária do poema. Aproxima-me o falar comedido para dizer e não o acrobatismo verbal para a admiração instantânea e supérflua. O que me distancia de Cabral: o paralelismo soberano em toda a sua obra.” (CORDEIRO, 2005)

Nas palavras do autor, sua obra ao mesmo tempo que se assemelha, mantém um certo distanciamento da obra de Cabral. No entanto, para Alberto Cunha Melo importante mesmo “era dizer, dizer baixo, mais dizer bem. Como tenho a alma de um neoclássico, não escondo, apregão e até me orgulho da influência cabralina.”

Para compreender a obra de Alberto Cunha Melo, com destaque para seu poema longo, observaremos o livro **Yacala** e a forma como ocorre sua construção, atentando para os aspectos épicos e contemporâneos do poema narrativo.

5. *Yacala*: um poema em estudo

Yacala, objeto de estudo dessa pesquisa, é um poema narrativo octossilábico, constante de cento e quarenta subunidades em forma-fixa nova e inventada pelo autor, e por ele batizada de retranca. A retranca é composta por um quarteto, um dístico, um terceto e outro dístico, com rimas alternadas e emparelhadas. O poema chega aos um mil, quinhentos e quarenta versos, dimensão semelhante à da tragédia grega, o que está longe de ser mera casualidade, uma vez que **Yacala** narra a trágica história do protagonista homônimo, um físico-matemático negro que vive (e morre) para mapear os movimentos de uma estrela que, por seu turno, engole tudo o que encontra pela frente.

José Nêumane reflete que em **Yacala** o “lirismo se consolida em técnicas de fabulação, onde os episódios vividos, as ações experimentadas e os personagens tendem a desempenhar um papel fundamental. Cada poema parece contar um fato. Cada fato

parece se confirmar enquanto alegoria da condição humana. A presença dos personagens, em suas situações-limite, me dá a convicção de que estou nos arredores de um conto breve, de uma narrativa trágica.”

Alfredo Bosi, ao tratar do autor, ressalta que em **Yacala**

“A dor de viver provém de determinações inescapáveis: o sangue, o sexo, a cor da pele, a classe social, o lugar da origem, o tempo e o espaço do cotidiano; a sina, enfim. O poema aceita estoicamente os sinais do corpo e os estigmas da circunstância; e os transforma, transfigura ou, se a voz é sublimadora, os transcendentaliza. A estranha beleza que sai dos versos de Alberto da Cunha Melo nasce da fusão de um visceral sentimento da terra (quantas imagens pejadas de lama e lixo, mangue e cinzas!) com a aspiração infinita de quem está mirando o mar e altas distâncias numa luneta de escoteiro.” (BOSI, 2006)

Tendo como objetivo ampliar o conhecimento do poema narrativo contemporâneo e refletir sobre as razões do “desaparecimento” do poema narrativo ou poema longo no contexto da literatura brasileira, segundo a crítica literária contemporânea, pretende-se compreender criticamente o poema **Yacala** e estabelecer configuração das inter-relações épicas e líricas, enquanto gêneros literários no contexto contemporâneo, marcado pela ruptura de fronteiras conceituais, como elementos estruturais e temáticos para a realização do poema **Yacala**, analisando, para isso, o papel/função do narrador na configuração do gênero literário do poema em estudo.

Na entrevista mencionada anteriormente, cedida pelo poeta a diversos críticos, Alfredo Bosi questiona Alberto Cunha Melo sobre “como nasceu no seu espírito a figura complexa e original de Yacala?”. O autor, ao responder, faz um pequeno resumo de sua obra, conforme podemos observar:

“O poema foi concebido em terceira pessoa, mas sem qualquer caracterização do personagem. Nas minhas leituras desordenadas esbarrei com um ensaio de Sylvio Romero que, numa nota de pé de página, listava uma série de palavras de um dialeto africano e uma delas me chamou a atenção pela sua beleza e clareza: Yacala, que significava homem, marido etc. Imediatamente levei-a para o poema, como nome do personagem e com uma primeira caracterização fundamental: era de cor negra. Daí pra formar o trio de personagens negras, foi um passo. O nome Bai foi tirado de um dono de palhoça que vendia almoços e bebidas, na praia de Maria Farinha, em Pernambuco. A personagem Adriana veio do nome e da longilidade da sua filha jovem. Acredito que a figura de Yacala tem tudo a ver com minha luta pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, pela realização poética. A estrela cosmofágica que Yacala caça no firmamento, uma estrela que não orienta, porque perdeu a órbita e vai devorando através das galáxias todos os corpos celestes que encontra pela frente, enquanto vai crescendo como se voltasse à imensidade anterior do Big Bang, é, quem sabe, o câncer ou o tempo avançando sobre as células do corpo, ou seria tudo uma espécie de metáfora da globalização? Creia, Bosi, pensei nessas coisas todas, doidas, mas no início o que me movia, mesmo, era a nova estrutura formal que a

pulso chamei de retranca, porque fui convencido a dar-lhe um nome, e talvez eu tenha encontrado um tipo de tijolo ideal para encaixar nas ferragens.” (CORDEIRO, 2005)

O narrador de **Yacala**, como descrito, ocorre em terceira pessoa. O eu-poético desse poema apresenta-se como um observador que tem acesso ao interior dos personagens. A utilização de verbos no pretérito e no presente permite um movimento de aproximação e distanciamento do leitor e a narrativa, possibilitando, assim, reflexões sobre o poema narrativo.

O poema inicia-se com o “Exórdio”, ou seja, trata-se da primeira parte de um discurso, apresentando a temática que será abordada por toda a extensão da obra. Na sequência, ocorre a apresentação de Yacala, personagem em torno da qual ocorrem as ações do poema.

“Yacala Cosmo, diz a crônica,
quando criança malnascida,
acharam-no na porta uns monges
e o criaram às escondidas;

foi um certo abade erudito
quem lhe deu o nome esquisito;

creceu, portanto, no mosteiro
mirando o mar a altas distâncias
numa luneta de escoteiro,

mas a seus pés, dia após dia,
um chão de garras florescia.” (Melo, 2003, p.168)

Percebemos que as inversões são constantes e corroboram para o ritmo e as rimas do poema. O vocabulário simples, não dificulta a leitura e o entendimento da obra. Nota-se, logo no início deste poema que Yacala vive o contraste do ambiente fechado do mosteiro e a busca pelo infinito, representada pelo “mar a altas distâncias”. A tensão do poema é gradativa e envolve o leitor que, lentamente, envolve-se com o ritmo e a dramaticidade do poema narrativo.

6. Breves considerações

A realização desta pesquisa terá início com o estudo do gênero épico, com atenção as suas transformações estruturais e temáticas; estudo da fortuna crítica voltada para o poema **Yacala** e a análise estrutural, formal e de conteúdo deste poema.

Com isso, espera-se ao final do trabalho, contribuir para o conhecimento e divulgação da obra de Alberto Cunha Lima, além dos limites regionais do nordeste brasileiro; ampliar o conhecimento e a crítica sobre a poesia brasileira contemporânea;

divulgar o conhecimento do poema narrativo e contribuir para a reflexão crítica sobre a relevância do poema narrativo na literatura brasileira, especialmente na contemporaneidade.

A inquietação que se tem ao iniciar esse projeto é o que move a busca por semelhanças e divergências entre o poema narrativo épico e as novas configurações do poema longo na contemporaneidade. Pretende-se, então, atentar para essas características, de modo que a obra de Alberto Cunha Melo possa ser divulgada para além do nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Tradição dos extremos*. Revista Continente Multicultural. Recife: CEPE, ed. n° 64, abril de 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5. ed., vol. 1, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 69
- CORDEIRO, Cláudia (org.). Uma estranha beleza: entrevista com o poeta Alberto da Cunha Melo. In: *Cronos*: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, v.5/6, n.1/2. NATAL: EDUFRN, 2000, p.317-33, jan/dez, 2004/2005.
- LUCENA Karine Braga de Queiroz. *Considerações estéticas sobre a violência em Yacala, de Alberto da Cunha Melo*. Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura. Vol. 2, São Cristóvão: GELIC, 2010. ISSN 2175 – 41281. (http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Karine_Braga_de_Queiroz_Lucena.pdf)
- MELO, Alberto da Cunha. “Yacala. ”. In: *Dois caminhos e uma oração*. São Paulo/ Recife: A Girafa/ Instituto Maximiano Campos, 2003.
- MELO, Alberto da Cunha. *Yacala*. Natal: UFRGN, 1999.
- MOLITERNO, Isabel de Andrade. *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma abordagem estilística do texto*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- SALES, José Batista de. *Agora eu quero cantar: um poema narrativo de Mario de Andrade*. Itinerários – Revista de Literatura. [on-line]. N. 33. 2011.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *Formação épica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Elo, 1987.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. *História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.